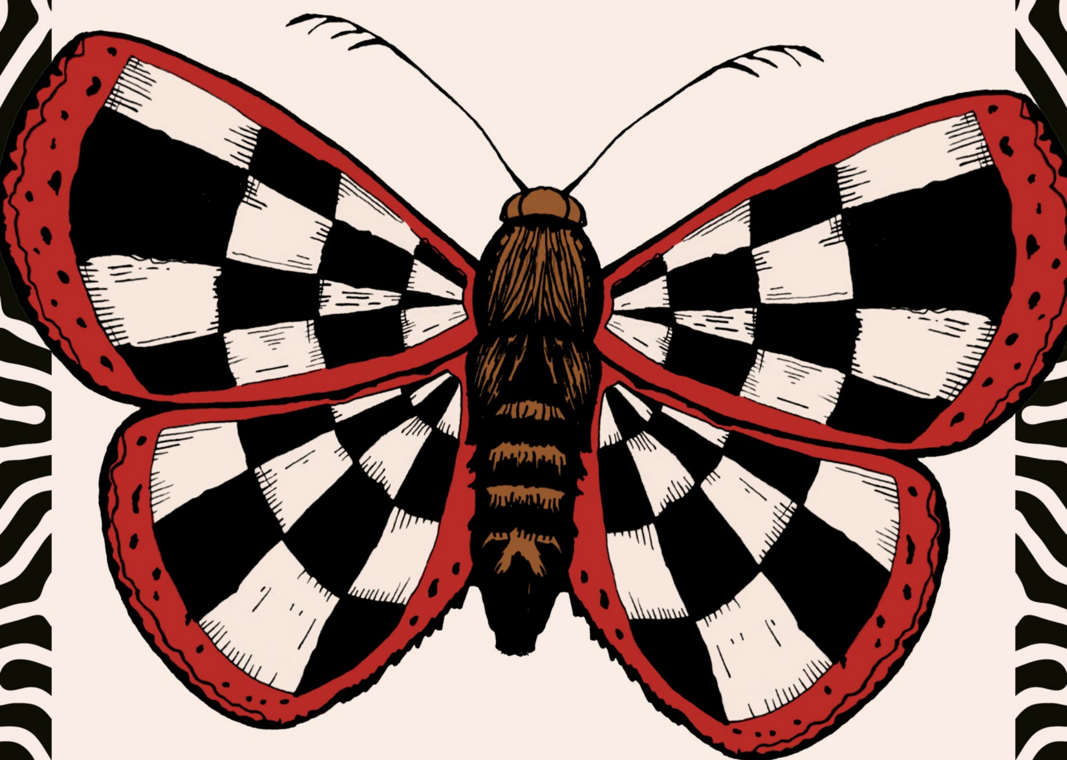
1895 **H. G. WELLS**

A Mariposa Fantasma



TRADUÇÃO DE
PAULO NORIEGA

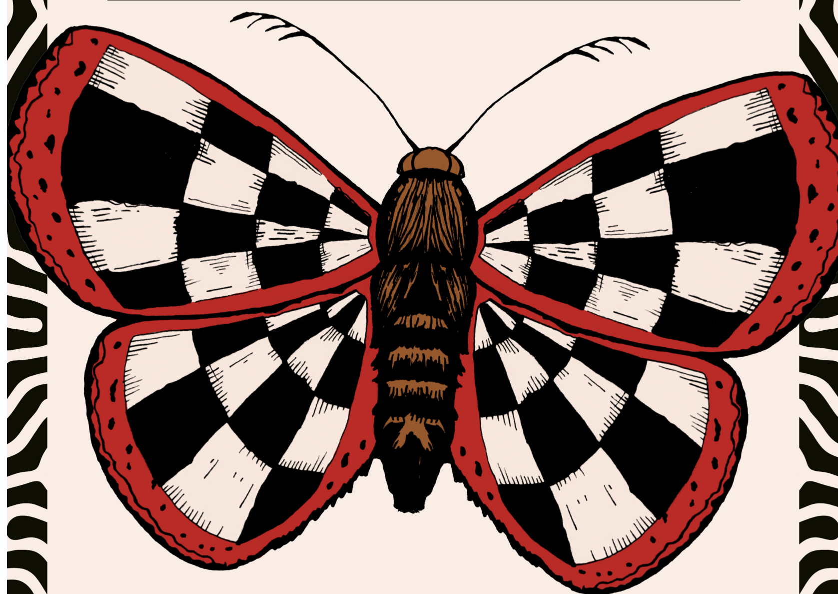
CSRL

VISIT…

LANZAROTE Caliente.com

1895 H. G. WELLS

A Mariposa Fantasma

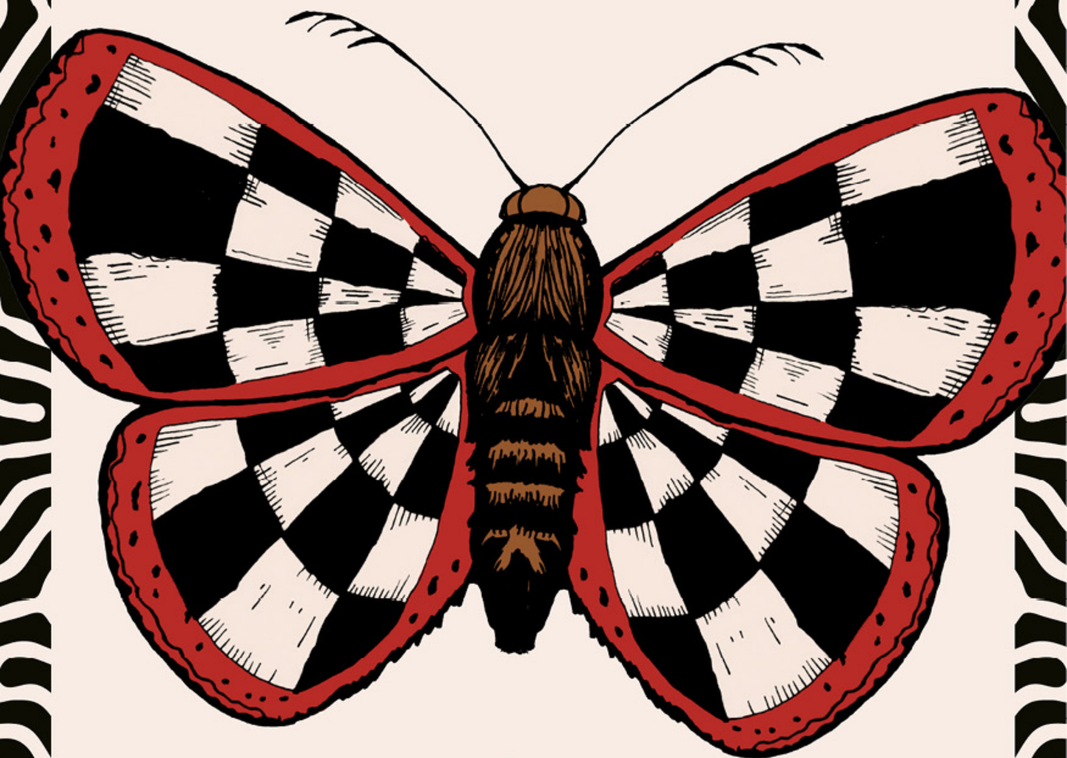


TRADUÇÃO DE
PAULO NORIEGA

CSRL

1895 H. G. WELLS

A Mariposa Fantasma



TRADUÇÃO DE
PAULO NORIEGA

CSRL

Sociedade das Relíquias Literárias

Tradução:
Paulo Noriega

Preparação:
Karine Ribeiro

Revisão:
João Rodrigues

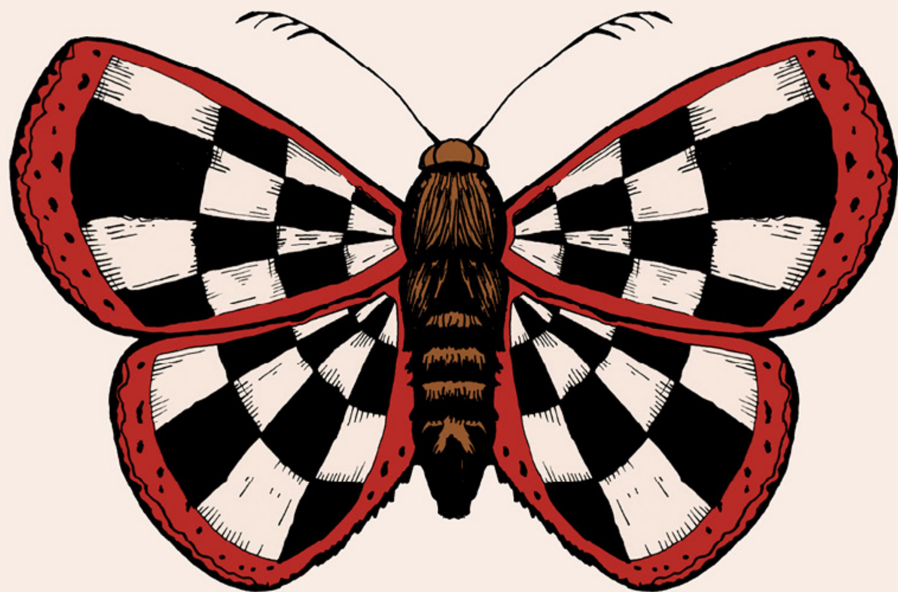
Capa e projeto gráfico:
Marina Avila

Ilustração de capa:
Thaís Ribeiro

2022 ISBN 978-65-88218-87-7

Copyright 2022 Editora Wish. Este material possui direitos de tradução e publicação e, ao não divulgá-lo sem prévia autorização da editora, você está nos ajudando a continuar publicando raridades para os leitores. Agradecemos por isso.



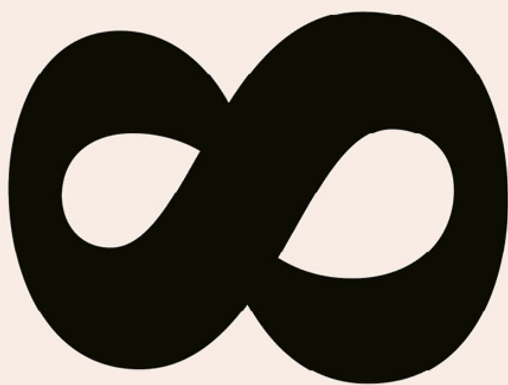








UMA RELÍQUIA DE





Sinopse

O gênio da ficção científica, H.G. Wells, volta à Sociedade das Relíquias Literárias com uma história arrepiante.

Uma rivalidade entre dois entomologistas se transforma em uma estranha obsessão. Depois da morte abrupta de Pawkins, Hapley se vê em uma situação macabra.

Um pequeno intruso se parece estranhamente com um antigo rival e fará com que ele questione a própria sanidade.

Um conto que pode tanto ser uma história de vingança quanto de delírio, *A Mariposa Fantasma* é uma das obras-primas de H.G. Wells e agora chega com exclusividade na Sociedade das Relíquias Literárias.

A Mariposa Fantasma

H. G. Wells, 1895

Talvez você já tenha ouvido falar do Hapley — não do W.T. Hapley Filho, mas do renomado Hapley, o Hapley de *Periplaneta Hapliia*; Hapley, o entomologista. Se sim, no mínimo você sabe da grande rixa entre o Hapley e o professor Pawkins, apesar de que algumas consequências dela possam lhe ser novidade. Para quem não sabe, uma explicaçãozinha ou duas se fazem necessárias e pelas quais o leitor ocioso pode dar uma breve passada de olhos, se sua preguiça incliná-lo a isso.

Impressiona como é amplamente difundida a ignorância em relação a assuntos tão importantes como a rixa entre Hapley e Pawkins. Novamente, acredito de coração que tais controvérsias marcantes que agitaram a Sociedade de Geologia sejam quase desconhecidas fora da irmandade da entidade. Já ouvi até mesmo homens muito bem-educados se referirem às grandes cenas nas reuniões como “brigas de uma reunião do conselho paroquial”. Mesmo assim, o grande Ódio entre geólogos ingleses e escoceses dura há meio século e “deixou marcas profundas e numerosas no corpo da entidade científica.” E essa contenda entre Hapley e Pawkins, apesar de, talvez, tratar-se de uma questão pessoal, provocou iras profundas, ou até sentimentos mais intensos. O cidadão comum não faz ideia do fervor que anima um investigador científico, a fúria da contradição que se pode despertar nele. É o *odium theologicum* com uma nova roupagem. Há homens, por exemplo, que em Smithfield humilhariam o professor Ray Lankester com prazer, devido ao tratamento dado ao filo Mollusca na Enciclopédia Britânica. Aconteceu aquela extensão fantástica dos cefalópodes

para abranger os pterópodes… mas me desviei do assunto.

Tudo começou muitos e muitos anos atrás, com uma revisão científica do grupo Microlepidoptera (seja lá o que isso for) feita por Pawkins, na qual uma nova espécie criada por Hapley foi extinta. Hapley, que sempre foi briguento, rebateu com uma contestação mordaz toda a classificação do rival[1]. Pawkins, em sua "réplica[2]", insinuou que o microscópio do rival estava tão defeituoso quanto sua capacidade de observação e o chamou de "enxerido irresponsável" — na época, ele não era professor universitário. Hapley, em sua tréplica[3], falou de "colecionadores descuidados" e descreveu a revisão de Pawkins, como se não fosse intencional, como sendo uma "santa estupidez". Foi uma luta até as últimas consequências. Contudo, seria interessante detalhar ao leitor como esses dois grandes homens brigaram, e como a cisão entre eles aumentou desde o caso do grupo Microlepidoptera até passarem a guerrear por toda santa questão em aberto no campo da entomologia. Havia ocasiões memoráveis. Às vezes, as reuniões da Real Sociedade Entomológica se pareciam até mesmo com a Câmara dos Deputados. No geral, imagino que Pawkins estava mais próximo da verdade que o rival. Só que Hapley era muito habilidoso em sua retórica, tinha uma tendência para o ridículo, algo raro em um cientista, além de que era dotado de uma energia colossal e se ofendia muito facilmente no que diz respeito às espécies extintas; enquanto Pawkins era um homem sem presença, de conversa prosaica, com a forma idêntica à de um barril, preocupado em excesso com diplomas, e suspeito de indicar pessoas para as vagas do museu. Por isso, a juventude reunia-se em volta de Hapley e o aplaudia. Foi uma luta longa, feroz desde o início e que, por fim, cresceu até o antagonismo impiedoso. As guinadas seguidas do destino ora pendiam para um lado, ora para outro — o fato de ora Hapley ser atormentado pelo sucesso de Pawkins e de ora Pawkins ser ofuscado por Hapley faz mais parte da história da entomologia do que dessa história.

Só que, em 1891, Pawkins, que já estava mal de saúde havia algum tempo, publicou um artigo sobre o "mesoblasto" da borboleta-caveira. Seja o que for o tal mesoblasto, pouco importa para esta história. Entretanto, o artigo estava muito aquém de seu padrão costumeiro, e deu ao rival uma brecha pela qual ansiava havia anos. Ele deve ter trabalhado noite e dia para tirar o máximo proveito da situação.

Em uma crítica elaborada, humilhou Pawkins sem dó — dá para imaginar o cabelo bagunçado e os animados olhos castanhos dele brilhando enquanto avançava contra seu antagonista — e Pawkins deu sua réplica vacilante, ineficiente, com intervalos penosos de silêncio, mas maligna mesmo assim. Era inegável a vontade de ferir Hapley e sua incapacidade para tal. Contudo, os poucos que o ouviram — eu não tinha comparecido à reunião — perceberam o quão doente ele estava.

Hapley derrubara seu adversário e queria dar o golpe de misericórdia. Em seguida, atacou-o brutalmente, na forma de um artigo sobre o desenvolvimento de mariposas em geral, no qual demonstrava uma quantidade extraordinária de empenho mental e um tom violentamente controverso e camuflado. De forma violenta, uma nota editorial comprovou a alteração. Tal ato deve ter deixado Pawkins morrendo de vergonha e perplexidade. Não havia brechas; os argumentos eram aniquiladores e o tom, completamente desdenhoso; algo horrendo para o ocaso da carreira de um homem.

O mundo dos entomologistas esperava impacientemente a réplica de Pawkins. Ele tentaria algo, pois nunca fugia da raia. Porém, quando a resposta veio, pegou a todos de surpresa, pois a réplica foi ficar gripado, e o quadro se desenvolveu para uma pneumonia e uma evolução para o óbito.

Talvez aquela tenha sido uma resposta eficiente diante das circunstâncias e, basicamente, mudou a maré de sentimentos em relação a Hapley. As mesmas pessoas que haviam aclamado alegremente os dois gladiadores ficaram, então, com um ar sério por conta do ocorrido. Não havia a menor sombra de dúvida de que o aborrecimento da derrota havia contribuído para a morte de Pawkins. “Havia um limite, até mesmo para controvérsias científicas”, diziam os mais sérios.” Outro ataque esmagador já havia saído na imprensa e foi um dia antes do enterro. Não acho que Hapley tenha se esforçado para impedir. As pessoas se lembravam de como ele perseguira seu rival e se esqueceram dos defeitos do último. Não é de bom tom chutar cachorro morto. O acontecido causou rebuliço nos jornais matutinos. Foi isso que me fez pensar que talvez você já tenha ouvido falar no Hapley e dessa controvérsia toda. Porém, como já salientei, cientistas vivem muito em um mundo só deles; ouso dizer que metade das pessoas que

passam pela praça Picadilly até a academia todo ano não seria capaz de dizer onde as sociedades acadêmicas concordam. Muitas pessoas chegam até a pensar que os cientistas são uma espécie de grande família feliz, na qual todos os tipos de homem estão sempre juntos e em paz.

Em seus pensamentos íntimos, Hapley não conseguia perdoar Pawkins por ter morrido. Em primeiro lugar, foi uma jogada baixa para fugir da pulverização completa que seu rival preparou para ele e, em segundo lugar, o ocorrido deixou um vazio estranho na mente de Hapley. Por vinte anos, trabalhou arduamente, às vezes noite adentro e sete dias por semana, usando microscópio, bisturi, rede para coleta de insetos, caneta, e boa parte do tempo fazendo referências a Pawkins. A reputação europeia que ganhara foi fruto de um incidente devido à grande antipatia que sentia. Gradativamente, ele galgara até o clímax na última controvérsia. Ela matara Pawkins, mas também fizera Hapley perder o controle, por assim dizer, e seu médico lhe aconselhou a se afastar do trabalho por um tempo e descansar. Assim Hapley se mudou para um vilarejo tranquilo em Kent e passava noite e dia pensando em Pawkins e em como então era impossível dizer coisas boas sobre ele.

Por fim, Hapley começou a perceber para qual direção sua preocupação tendia. Decretou lutar contra esse sentimento e começou tentando ler romances, só que não conseguia parar de pensar em Pawkins, com o rosto pálido e dando seu último discurso — cada frase era uma linda brecha para Hapley. Tentou ler ficção — e descobriu que o gênero não o prendia. Leu *The Island Nights Entertainments* até seu “senso de causalidade” ficar chocado além da conta ao ler o conto “the Bottle Imp”. Depois foi ler Kipling e descobriu que o autor “não provou nada”, além de ser irreverente e vulgar. As pessoas da ciência têm suas limitações. E depois, infelizmente, tentou ler *Inner House*, de Besant, e o capítulo de abertura o incitou de vez a pensar em sociedades acadêmicas e em Pawkins.

Em seguida, Hapley tentou jogar xadrez e achou essa atividade um pouco mais tranquilizante. Logo dominou as jogadas, os principais gambitos e as posições de fechamento com peão, e começou a vencer o vigário. Porém, logo, a forma cilíndrica do rei adversário começava a se parecer com Pawkins de pé e a arfar ineficientemente contra o xeque-mate, e Hapley decidiu não jogar mais

xadrez.

Talvez estudar um novo ramo da ciência fosse uma distração melhor, no fim das contas. O melhor descanso é mudar de ofício. Hapley resolveu mergulhar de cabeça nas diatomáceas e levou consigo um dos seus menores microscópios e a monografia de Halibut de Londres, onde morava até então. Pensou que, talvez, se fosse capaz de arranjar uma contenda vigorosa com Halibut, poderia recomeçar a vida e esquecer Pawkins. Não tardou até voltar a trabalhar arduamente, do jeito intenso de sempre, ao examinar os habitantes microscópicos coletados do lago ao lado da estrada.

Foi no terceiro dia de estudo das diatomáceas que Hapley tomou ciência de uma adição recente à fauna local. Estava trabalhando até tarde no microscópio, e a única luz no quarto era o abajurzinho brilhante com uma cúpula especial de luz verde. Como todos os microscopistas experientes, ele mantinha os dois olhos abertos. É o único jeito de evitar o cansaço. Um olho fica acima do instrumento e à frente, o campo circular brilhante e distinto do microscópio, através do qual uma diatomácea marrom movia-se lentamente. Com o outro olho, Hapley viu, por assim dizer, sem ver[4]. Estava levemente ciente da parte de latão do instrumento, da parte iluminada da toalha de mesa, de uma folha de papel de carta, da base do abajur, e do quarto escuro.

De repente, sua atenção passou de um olho para outro. A toalha de mesa era de um material que os lojistas chamavam de tapeçaria, material muito colorido e brilhante. O padrão era dourado, com pequenos tons de carmim e azul-claro sobre uma base acinzentada. Em um dado momento, o padrão pareceu fora de lugar, e foi quando houve um movimento vibrante das cores.

Repentinamente, o cientista virou a cabeça e olhou com os dois olhos. Ficou boquiaberto.

Havia uma grande mariposa ou borboleta; as asas abertas como as de uma borboleta!

Era estranho ela estar no quarto, pois as janelas estavam fechadas. Era estranho ela não ter chamado sua atenção quando estava voando até sua posição atual. Era estranho sua cor combinar com a da toalha de mesa. E era mais

estranho ainda para ele, Hapley, o grande entomologista, ser uma espécie completamente desconhecida. Não era um delírio. Ela estava andando devagar em direção à base do abajur.

— Meu Deus, um *Genus novo*! E aqui na Inglaterra! — exclamou Hapley, encarando a mariposa.

Então, subitamente, pensou no antigo rival. Nada o teria enfurecido tanto quanto aquilo… e ele estava morto!

Algo na cabeça e no corpo do inseto, em particular, lembrava Pawkins, tal como acontecera com o rei da partida de xadrez.

— Maldito Pawkins! — exclamou Hapley. — Mas devo pegá-la.

E, procurando em volta por alguma forma de capturar a mariposa, levantou-se devagar da cadeira. De repente, o inseto voou e acertou a beira da cúpula — o entomologista ouviu o “ping” — e sumiu nas sombras.

Com destreza, Hapley arrancara a cúpula para que o quarto todo se iluminasse. A coisa desaparecera, mas rapidamente seu olho treinado a detectou pousada no papel de parede perto da porta. Ele foi em sua direção, posicionando a cúpula para sua captura. Entretanto, antes de estar no alcance de acertá-la, ela levantara voo e estava dando voltas pelo quarto. Tal como as demais de sua espécie, voava com sobressaltos e giros repentinos, aparentando desaparecer em um ponto e reaparecer em outro. Hapley golpeou uma vez e errou; depois novamente.

Na terceira vez, acertou o microscópio. O instrumento balançou, acertou e derrubou o abajur, que caiu fazendo barulho no chão. O objeto caiu na mesa e, por muita sorte, apagou. Hapley ficou no escuro. Sobressaltado, sentiu a mariposa estranha topar com seu rosto.

Era enlouquecedor. Não havia luz alguma. Se abrisse a porta do quarto, a coisa fugiria. Na escuridão, viu Pawkins, de forma muito nítida, rindo para ele. O ex-rival sempre teve uma risada dissimulada. Hapley praguejou, furioso, e pisou bem forte no chão.

Alguém bateu timidamente na porta.

Ela foi aberta, talvez só um pouquinho, e bem devagar. O rosto assustado da proprietária apareceu atrás da chama rosa da vela; usava uma touca no cabelo grisalho e uma peça de roupa roxa sobre os ombros.

— O que foi este estrondo pavoroso? — perguntou ela. — Alguma coisa… — A estranha mariposa apareceu flutuando perto da abertura estreita da porta.

— Feche a porta! — exclamou Hapley e, de supetão, correu na direção dela.

Ele bateu a porta com força e impaciência. O entomologista ficou sozinho no escuro. Nesse intervalo, ouviu a proprietária subir as escadas correndo, trancar a porta e arrastar algo pesado pelo quarto e colocar contra a porta.

Ficou nítido para Hapley que sua conduta e sua aparência foram estranhas e alarmantes. Maldita mariposa! E maldito Pawkins! Entretanto, que lástima perder a mariposa de vista. Foi tateando até o saguão e achou os fósforos, depois de derrubar seu chapéu no chão, fazendo barulho igual a um tambor. Com a vela acesa, voltou para a sala de estar. Nenhuma mariposa à vista. Porém, por um instante, uma vez pareceu que a coisa estava voando em volta de sua cabeça. Muito rapidamente, o cientista resolveu ignorar a mariposa e ir dormir, mas estava muito agitado. Durante a noite toda, seu sono foi interrompido por sonhos com Pawkins, com a mariposa e com a proprietária. Por duas vezes, levantou-se da cama e ensopou a cabeça na água fria.

Uma coisa lhe estava muito clara. Não teria como a proprietária compreender a questão da estranha mariposa, sobretudo porque ele não conseguira apanhá-la. Apenas outro entomologista conseguiria entender como se sentia. Ela, provavelmente, estava com medo do comportamento dele e, mesmo assim, Hapley não conseguia ver uma forma de conseguir lhe explicar. Resolveu não dizer mais nada sobre os acontecimentos da noite anterior. Depois do café da manhã, Hapley a viu no jardim e resolveu sair para conversar, de forma a tranquilizá-la. Conversaram sobre feijões, batatas, abelhas, lagartas e o preço das frutas. Ela respondeu-lhe da maneira costumeira, mas olhava-o com suspeita e continuou andando no mesmo ritmo que ele, para que sempre houvesse um canteiro de flores ou fileiras de pés de feijão, ou algo parecido, entre ambos.

Depois de um tempo, o cientista começou a se sentir particularmente irritado e, para esconder seu aborrecimento, voltou para casa e, logo depois, foi dar uma volta.

A mariposa ou borboleta que arrastava consigo um aroma esquisito que lembrava Pawkins, insistia em acompanhá-lo na caminhada, apesar de esforçar-se ao máximo para mantê-la longe de seus pensamentos. Uma vez, a viu bem nitidamente, com as asas achatadas, pousada no antigo muro que se estende pelo lado oeste do parque, mas na parte superior, viu que eram apenas dois aglomerados de líquens cinza e amarelos.

— Isto é um mimetismo reverso — disse Hapley. — Em vez de uma borboleta se parecer com uma pedra, uma pedra se parece com uma borboleta!

Uma vez, uma coisa pairou e voou em volta de sua cabeça, mas, com força de vontade, ele tirou a imitação da mente novamente.

À tarde, o entomologista visitou o vigário e debateu questões teológicas com ele. Sentaram-se no pequeno arvoredo repleto de urzes-brancas, e fumaram conforme discutiam.

— Olhe a mariposa! — exclamou Hapley, de repente, apontando para a beira da mesa de madeira.

— Onde? — perguntou o vigário.

— Não está vendo uma mariposa ali? — rebateu o cientista.

— Claro que não.

Hapley ficou estupefato. Arfou. O vigário o encarava. Nitidamente não viu nada.

— O olhar da fé não é superior ao da ciência — afirmou o cientista, sem jeito.

— Não entendi — disse o vigário, achando que aquilo se tratava de parte do argumento de Hapley.

À noite, Hapley viu a mariposa andando sobre sua colcha. Sentou-se na beira

da cama, sem paletó, e pensou com seus botões. Era tudo alucinação? Sabia que estava enlouquecendo e lutando por sua sanidade com a mesma energia silenciosa que tinha demonstrado contra Pawkins no passado. Os hábitos mentais são tão persistentes que ele sentiu como se ainda estivesse em pé de guerra com o antigo rival. Hapley entendia muito de psicologia e sabia que tais ilusões de ótica são resultado de fadiga mental. No entanto, a questão era que ele não apenas *via* a mariposa, também a ouvira quando tocou a cúpula do abajur, e depois quando se chocou contra a parede, e a sentira bater em seu rosto no escuro.

Olhou para o bicho. Não era como uma aparição onírica, era perfeitamente nítido e sólido sob a luz da vela. Viu seu corpo peludo e as anteninhas emplumadas, as patas articuladas, até uma parte da asa que estava danificada. Subitamente, sentiu raiva de si por ficar com medo de um insetinho.

Naquela noite, a proprietária fizera seu criado passar a noite com ela, porque ficou com medo de ficar sozinha. Além disso, trancara a porta e colocara a cômoda contra ela. Os dois escutaram e conversaram aos sussurros depois de já terem se deitado, mas não aconteceu nada para alarmá-los. Por volta das onze horas da noite, arriscaram apagar a vela e foram dormir. Acordaram sobressaltados e sentaram-se na cama, ouvindo na penumbra.

Foi quando ouviram pés calçando pantufas andando de um lado para o outro no quarto de Hapley. Uma cadeira foi derrubada, e uma pancada violenta foi dada na parede. Em seguida, uma peça de louça para decorar o console da lareira quebrou-se em cima do para-lama. A porta do quarto abriu-se de chofre, e ambos ouviram o entomologista no patamar da escada. Ambos se abraçaram enquanto escutavam. Parecia que ele estava dançando no topo da escada. Em seguida, descia três ou quatro degraus rapidamente e depois subia de novo e descia correndo para o saguão. Ouviram o porta guarda-chuvas ser derrubado, e a claraboia quebrar. A seguir, o trinco se soltou e a corrente chacoalhou. Ele estava abrindo a porta.

Ambos correram até a janela. A noite estava escura e cinzenta; um véu praticamente contínuo de nuvens carregadas estava varrendo a lua, e a sebe e as árvores em frente à casa estavam negras contra a estrada sem cor. Viram Hapley, parecendo um fantasma de camisa e calças brancas, correndo na estrada de lá

para cá e socando o ar. Ora parava, ora saia em disparada em direção a alguma coisa invisível, ora se dirigia a essa mesma coisa com passos firmes e furtivos. Por fim, enquanto estava subindo a estrada em direção à descida, perderam-no de vista. E então, enquanto os dois debatiam quem deveria descer e trancar a porta, o cientista voltou. Estava andando muito rápido e entrou diretamente na casa, fechou a porta com cuidado e subiu em silêncio para o quarto. Depois tudo ficou em silêncio.

— Senhora Colville — gritou Hapley, enquanto descia as escadas na manhã seguinte —, espero não a ter alarmado noite passada.

— Assustou-me, como bem pode imaginar! — exclamou a sra. Colville.

— O fato é que sou sonâmbulo e passei as duas últimas noites sem meu remédio para dormir. Não precisa se alarmar, é sério. Lamento ter me exposto ao ridículo. Vou até Shoreham e comprarei remédios para dormir profundamente. Era para eu ter feito isso ontem.

No entanto, no meio do caminho ao descer a estrada, perto da pedreira de calcário, a mariposa deparou-se com Hapley novamente. Ele seguiu, enquanto tentava se concentrar no xadrez, mas não adiantou. A coisa esbarrou em seu rosto, e ele a acertou com seu chapéu para se defender. E aí veio a raiva, aquela raiva antiga — a raiva frequente que sempre tinha de Pawkins — dominou-o novamente. Prosseguiu, saltando e golpeando o inseto que o rodeava. De repente, pisou em falso e caiu de cabeça.

Suas sensações ficaram no limbo, e o entomologista pegou-se sentado numa pequena montanha de pedras em frente à abertura da pedreira, com uma das pernas torcidas. A estranha mariposa ainda estava voando ao redor de sua cabeça. Acertou-a com a mão e, ao virar a cabeça, viu dois homens se aproximando. Um era o médico do vilarejo. Ocorreu a Hapley ter tirado a sorte grande. Depois ocorreu-lhe, com vivacidade extraordinária, que ninguém mais seria capaz de enxergar a mariposa além dele, e achou por bem não falar nada a respeito dela.

Contudo, mais tarde naquela noite, depois de sua perna quebrada ficar engessada, ele ficou febril e perdeu o autocontrole. Estava deitado na cama e

começou a percorrer o quarto com os olhos para ver se a mariposa estava por perto. Tentou evitar, mas não adiantou. Logo avistou a coisa descansando perto de sua mão, sob a luz noturna, na toalha de mesa verde. As asas dela tremeram. Com uma onda súbita de raiva, ele a golpeou com o punho, e a enfermeira acordou com um berro. Ele errara o alvo.

— Aquela mariposa! — gritou ele. — E depois exclamou: — Foi imaginação. Não foi nada!

Durante todo o tempo, conseguia ver com clareza o inseto circulando em volta da cornija e voando em disparada pelo quarto, e também podia ver que a enfermeira não enxergava a mariposa e olhava-o de forma estranha. Ele tinha de se controlar. Sabia que estaria perdido se não o fizesse. No entanto, conforme a noite chegava ao fim, a febre aumentava, e o mesmo pavor que ele tinha de ver a mariposa o fez enxergá-la. Por volta das cinco da manhã, assim que raiou o amanhecer cinzento, tentou sair da cama para apanhar o inseto, apesar de sua perna estar queimando de dor. A enfermeira teve de lutar com ele.

Por conta disso, amarraram-no à cama. Neste momento, a mariposa ficou mais audaciosa e, uma vez, ele a sentiu pousar em seu cabelo. Depois, por ter atacado violentamente com os braços, estes também foram amarrados. Em seguida, a mariposa andou em seu rosto, e Hapley chorou, praguejou, gritou e implorou para que a tirasse de cima dele, mas em vão.

O médico era um tapado, um clínico-geral chinfrim, e muito ignorante quanto às ciências mentais. Dizia que não havia mariposa alguma. Se fosse perspicaz, poderia, quem sabe, ter salvado Hapley de seu destino entrando em seu delírio e cobrindo seu rosto com gaze, conforme suplicou o próprio entomologista. No entanto, como eu disse, o médico era tapado e, até sua perna sarar, o entomologista permaneceu amarrado à cama e com a mariposa imaginária em cima dele. Quando estava acordado, ela nunca o abandonava e, em seus sonhos, virava um monstro. Enquanto estava desperto, ansiava dormir e gritava ao acordar.

Agora, por conta disso, Hapley está passando os dias que lhe restam em uma cela acolchoada, preocupado com uma mariposa invisível aos demais. O médico

do manicômio a chama de alucinação; mas o cientista, quando está com os ânimos mais tranquilos e consegue conversar, diz que a mariposa é o fantasma de Pawkins e, consequentemente, um espécime raro e que vale a pena o esforço da captura.

The End



Extra: Biografia de H. G. Wells

Poucos autores evocam um gênero literário inteiro apenas com a menção de seu nome, como no caso de Herbert George Wells, mais conhecido como H.G. Wells. A ficção científica é um gênero que explora os limites entre a realidade e as possibilidades tecnológicas, e as obras de Wells moldaram o *sci-fi* de forma irrevogável.

H.G. Wells foi um dos primeiros escritores a mergulhar no gênero, além de ter sido um pioneiro das narrativas distópicas. Ao contrário de outros autores, Wells via o progresso acelerado de seu tempo e as inovações tecnológicas de forma mais sombria.

Nascido em 1866, em Bromley, na Inglaterra, H.G. Wells vinha de uma família humilde de comerciantes. Com sete anos, Wells sofreu um acidente que o deixou preso a uma cama por meses. Sem acesso a uma educação formal, voltou-

se para a leitura como forma de aprendizado.

Ao contrário do que se espera, seu primeiro livro nada tinha a ver com a ficção. H. G. Wells ganhou uma bolsa na Normal School of Science, onde cursou biologia e seu primeiro trabalho, Textbook of Biology, foi fruto de seus estudos.

Seu sucesso literário viria em 1895, com a publicação de *A Máquina do Tempo*, que se tornou um clássico absoluto. Durante mais de 60 anos de carreira, escreveu mais de 100 livros, além de ter inspirado gerações de autores. Compartilha com Julio Verne o título de “pai do *sci-fi*” e, ao lado de Mary Shelley, compõem a “santíssima trindade” da ficção científica.

Suas obras previram algumas invenções, como a bomba atômica, as portas automáticas, viagens espaciais e até mesmo a criação de uma organização nos moldes da ONU. H.G. Wells morreu em 1946, em Londres, deixando um legado inegável na literatura e na cultura pop. *A Máquina do Tempo*, *O Homem Invisível* e *A Guerra dos Mundos*, suas obras-primas, continuam sendo impressas e rendendo adaptações para o cinema e a TV, e suas histórias alcançam gerações de leitores anos depois de publicadas.

H.G. Wells foi um dos primeiros autores publicados na Sociedade das Relíquias Literárias, com seus contos *A Porta no Muro* e *O Fantasma Inexperiente*. Com *A Mariposa Fantasma*, Wells amplia seu catálogo na SRL, se mantendo mais atual do que nunca e nos presenteando com mais um resgate literário de um dos maiores gênios da literatura.

Deixe sua avaliação no Skoob ♥

Busque por

A Mariposa Fantasma

Participe do Grupo

Novo grupo no Telegram!

Papeie sobre este conto no:

t.me/sociedadewish

Profissionais que trabalharam neste conto



Paulo Noriega

TRADUÇÃO

Paulo Noriega é Bacharel e Especialista em Tradução e presta serviços de tradução para dublagem e serviços de tradução e revisão para editoras, quadrinistas e empresas de design. **@paulonoriega**



Karine Ribeiro

PREPARAÇÃO

Escritora premiada, tradutora e revisora, graduanda em Tradução pela UFMG. **@karineescreve**



João Rodrigues

REVISÃO

Bacharel em Tradução e especialista em Produção e Revisão Textual.

@jojsrodrigues



Thaís Ribeiro

ILUSTRAÇÃO

Designer, artista e criadora de conteúdo, busca transmitir através de seus projetos uma sensibilidade e harmonia únicas.

@thaisribeir_



Marina Avila

PROJETO GRÁFICO

Produtora editorial e fundadora da Wish. Mãe de gatos e de livros.

@marinalivros



Valquíria Vlad

COMUNICAÇÃO E COMUNIDADE

Escritora, pesquisadora e publicitária formada pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

@valquiriavlad



Laura Brand

MEDIAÇÃO E PARATEXTOS

Editora, coordenadora editorial, jornalista e criadora de conteúdo. Formada pela PUC-MG e Columbia Journalism School. **@nostalgiacinza**

Muito obrigada por apoiar este financiamento coletivo!

Neste mês foi possível viabilizar a curadoria, tradução, revisão e ilustração do conto *The Moth*! A cada mês de assinatura, a Wish continuará resgatando os tesouros do passado em novas edições para os caçadores das Relíquias Literárias.

Vamos resgatar estes contos raros juntos?

Relíquia 027/Jun 2022

NO PRÓXIMO MÊS

Um especial de inverno de Algernon Blackwood

Será que poderíamos classificar como uma história de amor? Você vai sentir arrepios, e não será apenas de frio.

1 “Observações sobre uma revisão recente do grupo Microlepidoptera.” Trim, Periódico. Sociedade Entomológica. 1863.
2 “Réplica a certas observações,” &c. Ibid. 1864.
3 “Mais observações,” &c. Ibid.
4 O leitor desacostumado a microscópios pode compreender isso facilmente ao enrolar um jornal em forma de tubo e olhar para um livro através dele, mantendo o outro olho aberto.